

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

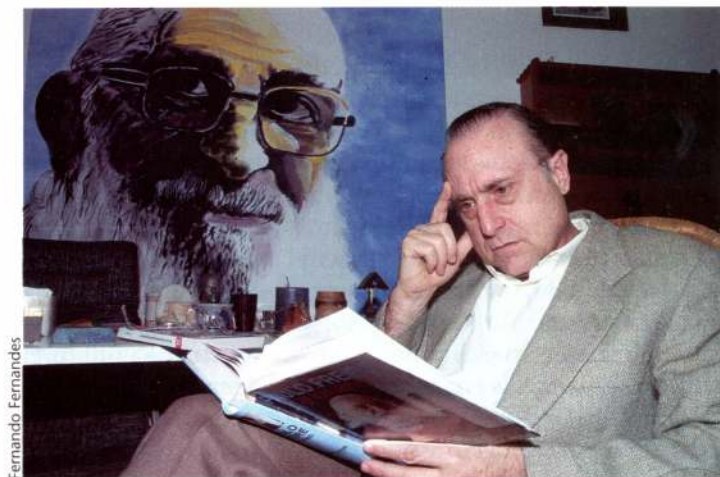
**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

*Discípulo e principal
semeador das idéias do
mestre Paulo Freire fala
de sua paixão pela
pedagogia do saber*



Fernando Fernandes

Aula magna

Marcos Faerman

Moacir Gadotti escolheu como cenário para esta entrevista um fascinante espaço de memória: o Instituto Paulo Freire, repositório da trajetória intelectual e humana do mestre pernambucano, com sua biblioteca, cartas, documentos. Muito material ainda inédito, mesmo numa bibliografia gigantesca como a de Gadotti ou Freire.

Em uma carreira marcada pela paixão da polêmica e do saber como invenção – e não diluição –, Gadotti foi discípulo e interlocutor do mestre Paulo Freire. Nasceu há 57 anos, numa pequena cidade catarinense, Rodeio, e descobriu as grandes trilhas da pedagogia e da filosofia da educação na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Completou sua formação na Universidade de Genebra, na Suíça, onde doutorou-se em Ciências da Educação, em 1977. Foi ainda na Suíça, nos anos 70, que ele teve o encontro fundamental de sua vida – com Paulo Freire, de quem se tornaria amigo e companheiro de trabalho e sonhos. Hoje, é professor titular da Faculdade de Educação da Uni-

versidade de São Paulo. A imensa obra de Gadotti é um dos tesouros da pedagogia brasileira, livros vivos e eruditos como esta entrevista que concedeu à revista Educação.

Educação – Nietzsche fala que o professor é um mal necessário. “Entre os espíritos produtivos e os que têm sede de receber devem existir tão poucas pessoas quanto seja possível. Porque os intermediários falsificam quase involuntariamente a nutrição que transmitem.” O que o senhor acha dessa colocação?

Moacir Gadotti – O que o filósofo alemão quer é distinguir o professor

do mestre. Para ele, os mestres são necessários, os professores não. Para Nietzsche, mestre é aquele que dá nascimento ao espírito, e o professor é aquele que transmite, que vende a matéria. Na minha visão, todo professor deve aspirar a ser um mestre.

Educação – Nietzsche insinua essa questão.

Gadotti – Num outro texto, ele diz que o professor sempre nasce com o aluno. Ele tem de refazer o caminho do saber com o aluno, como se ele nunca tivesse feito tal trajetória.

Educação – A sala de aula vira um teatro de descobertas.

Gadotti – Vira um momento de impacto e de emoção do nascimento. Em francês, a palavra “conhecer” é *connaître*, ou seja, “nascer com”. O francês transmite essa visão de nascimento com o outro. Ouvi um comentário feito por um professor chamado Georges Snyder. Ele fala do ridículo sublime do professor, que nasce de novo com o aluno. Um renascimento que é retomado ao longo dos tempos, das décadas.

É como um ator diante do públi- ▶

**Paulo Freire
ensinou que a
história é
possibilidade, que
o futuro não pode
ser previsto mas
pode ser inventado**

co. Aquele ator que, há 20 anos, pode estar fazendo a mesma peça. E cada apresentação é nova, é um novo nascimento. O mestre é essa pessoa que consegue ter a emoção de se envolver de tal forma com o ato de ensinar e aprender (porque não há ensino sem aprendizagem) que nasce com o aluno. Ele e o aluno são uma coisa só.

Educação – Paulo Freire era assim?

Gadotti – Era um mestre. Às vezes, ele resistia para se soltar. Sentia muita emoção. Era tímido ao falar em público, quando ia dar uma entrevista. Era difícil entrevistar o Paulo porque ele parecia querer fugir. Ele dizia: “Hoje, quero falar sobre galinha à cabidela ou sobre jabuticaba, mas não me pergunte sobre educação”. Ele começava a falar sobre jabuticaba e dali a dois segundos ele estava naquilo que era dele, que era a emoção de estar construindo e reconstruindo o conhecimento e a experiência humana. Nesse sentido, tinha um pouco de Nietzsche em Paulo.

Educação – O senhor cita uma frase de H. G. Wells em um dos seus livros: “A história da humanidade é, cada vez mais, a disputa de uma corrida entre a educação e a catástrofe.”

Gadotti – Na corrida, acabou ganhando a catástrofe. Na primeira metade do século, sobretudo, e até hoje, não podemos estar satisfeitos com a educação. Se observarmos o extermínio dos hutus na África, em Ruanda, as guerras étnicas, as 80 crianças que morrem diariamente no Brasil, segundo dados da Unicef, não é isso? Nesse sentido, a barbárie venceu. Wells, quando falava isso, em 1912, estava sendo um historiador do futuro. Mas acho que não devemos ser pessimistas no sentido de que a catástrofe é o fim da história. Paulo Freire me ensinou que a história é possibilidade, é construída, que o futuro não pode ser previsto mas pode ser inventado. Com base nessa história, podemos reinventar o futuro.

Educação – Como foi seu primeiro encontro com Paulo Freire?

Gadotti – Foi em 1974, durante o Conselho Mundial de Igrejas, em que Paulo Freire dirigia o Departamento de Educação de Adultos. Ele me passou um texto dele e perguntou o que eu achava. Comecei a ler. Ele escrevia todos os textos à mão, muito claramente. Escrevia tão devagar que tudo era muito pensado, tinha uma construção muito elaborada. Antes de escrever qualquer palavra, consultava os dicionários para saber se aquela palavra era precisamente a mais correta. Depois disso, nasceu uma amizade. Trabalhamos juntos. Ele participou da minha tese de dou-

O livro não desaparecerá e se tornará mais necessário; hoje, imprime-se muito mais do que antes do advento do computador

torado, discutimos sobre educação permanente, continuada.

Esse foi o primeiro encontro com a pessoa, e com o intelectual também. Eu já conhecia o trabalho dele, desde 1967, quando saiu seu primeiro livro, aqui no Brasil, e quando fiz meu primeiro trabalho sobre ele.

Educação – Num dos seus livros, há uma referência a respeito da leitura e do mito da tecnologia educacional. Como é que um pai deve encerrar um computador? A máquina está no centro da vida do filho que, muitas vezes, esquece que em casa existe uma biblioteca.

Gadotti – Estamos no limiar de mudanças. O tempo é dividido pelos humanos. O tempo, agora, poderia ser 1050, como poderia ser 2000, dependendo da referência que tivéssemos. O tempo é simbólico porque há toda

uma auréola de toda a cultura humana, sempre voltada para o próximo milênio. É um momento místico, até. Não é por nada que estão surgindo movimentos místicos, falsos profetas. Neste momento específico aparece também uma nova era tecnológica. Existiram outras eras semelhantes.

Quando se passou da oralidade para a escrita, na Grécia, há um texto de Sócrates chamado *Teeto*, no qual ele se insurge contra a escrita, dizendo que a partir daquele momento, quando a tecnologia da escrita fosse implantada e se tornasse hegemônica na sociedade, o diálogo e a interatividade desapareceriam entre as pessoas e a memória não seria mais necessária – e que perderíamos o que havia de mais importante em nossa cultura. Estamos agora diante das mesmas questões com o computador. Diz-se que o computador não interage, que não se precisa mais da memória porque ele guarda melhor que o cérebro humano. Acho que as dificuldades de Sócrates – que nada escreveu, tudo o que sabemos dele foi escrito por Platão – são as mesmas angústias de hoje. Hoje, quem estaria reclamando da necessidade e da importância da escrita? Ninguém.

Educação – Uma outra ruptura se daria com Gutenberg.

Gadotti – Gutenberg possibilitou a comunicação massiva da escrita por meio da impressão. Estamos na mesma virada. O livro não desaparecerá e se tornará mais necessário. Hoje, imprime-se muito mais do que antes do advento do computador. É muito mais fácil imprimir hoje. Tenho dificuldades com meus alunos. Peço uma monografia e eles trazem um livro. Podem acessar a Internet e trazem uma bibliografia toda atualizada, que já vem digitada, transferem, formatam e têm um lindo texto.

O perigo é que a tecnologia permite montar um trabalho sem que se tenha lido ou pesquisado. Por exemplo, pedi que fizessem um trabalho sobre o Mercosul. Vieram com dados estatísticos comparados, até

coisas boas. Mas na hora em que pedi para que expusessem o trabalho, ficaram embananados porque não tinham entendido a riqueza do material que tinham recolhido, um material que migrou da Internet, um conhecimento não assimilado.

Educação – E a paixão pelo conhecimento?

Gadotti – Estamos entrando na era da informação e não na era do conhecimento. Tem-se à disposição muita informação, sobretudo na Internet. Conhecer exige um tratamento da informação, e nesse ponto precisa-se de elaboração do conhecimento, do diálogo, da interatividade, do outro. Entre o lirismo tecnológico, que é esse deslumbramento diante apenas das capacidades humanas atuais de acesso ao conhecimento, e a recusa da tecnologia – porque tem gente que recusa a tecnologia como se recusava a luz elétrica – existe o bom senso.

Acho que o professor que teme ser substituído pelo computador deve mesmo ser substituído porque não entendeu nada sobre o que é ser professor. Se ele acha que um computador consegue fazer aquilo que ele faz, então ele não sabe que a tarefa do professor é dialogar com o aluno, se comunicar, amar o aluno – e o conhecimento que está com ele. É aprender com o seu aluno. Nisso o professor é insubstituível, e não na tarefa de oferecer dados e informações, que é o que o computador faz.

Educação – Paulo Freire não chegou a experimentar essas inovações.

Gadotti – O método Paulo Freire começou com o que havia de mais avançado: posso te mostrar o projetor de slides, importado da Polônia, que ele utilizava e que, naquela época, provocava até medo. Freire sempre utilizou televisão, vídeo, as tecnologias mais avançadas. Ele gostava da modernidade. Aqui trabalhamos muito com *datashows* acoplados em *notebooks* até para mostrar o que Freire fez em 1961 e 1962. Ele valorizava muito formas

audiovisuais de transmissão de conhecimento, e tinha essa relação com tecnologia como ferramenta para um aprendizado melhor. E se admirava com o fato de que essa tecnologia estava afastando o pobre do rico, preocupado porque essa tecnologia não chegava aos pobres.

Educação – Nas linhas mestras do seu pensamento há o autonomismo, que defende a idéia de as escolas não serem todas iguais.

Gadotti – Cada escola tem de ter o seu próprio rosto. Cada escola é fruto das suas próprias contradições.

As escolas têm de ser autônomas, tem de ter o seu próprio rosto: cada escola é fruto das suas próprias contradições

Ela é um conjunto de relações sociais e humanas e esse conjunto é diferente pela cara, pela etnia, pela interculturalidade, pela vivência, pela biografia de cada um que lá está. A escola tem de ser autônoma, e a autonomia tem de ocorrer em rede. Não pode ser isolada e se fechar para o outro. É conhecer o que acontece nas outras escolas. É impossível construir o meu projeto sem ver o que está sendo feito ao meu lado. Estou falando de uma escola com espírito novo, não só com a cara nova.

Educação – A nova Lei de Diretrizes e Bases abre espaço para que pelo menos 25% da carga horária seja adaptada às necessidades locais da escola. Isso é um bom passo?

Gadotti – Acho que é um avanço. Mas não se trata exatamente de uma questão matemática. É o espírito.

Veja bem: esses 25% muitas vezes são aproveitados para dar inglês. Eles não sabem o que fazer com esses 25%. Como muita gente sempre trabalhou burocraticamente, obedecendo normas, ficam preenchendo essas horas com atividades que não entraram no projeto pedagógico.

É por isso que cada escola tem de ter autonomia para desenvolver o seu próprio projeto. É preciso consultar pais e alunos também, para saber o que querem. Se querem informática, judô, teatro, dança. Porém, isso tem de fazer parte do currículo. Não pode ser extracurricular. Em 1993, o secretário de Educação do Pará me autorizou a trabalhar junto às escolas e fazer um levantamento das melhores experiências promovidas. E me diziam, por exemplo, que as melhores experiências tinham sido feitas fora da escola: me apresentavam a horta, a feira, um passeio. Eu lhes perguntava por que a horta não poderia estar ligada ao projeto de biologia, de ciências. Por que o passeio não poderia estar ligado à geografia, história ou ao português?

Educação – Qual seria o caminho?

Gadotti – Veja a questão do desemprego hoje, por exemplo. A escola não pode estar desligada do que está acontecendo. A escola tem de ter um projeto justamente para que quando fizer alguma coisa – um concurso, um jogo de futebol –, esteja vinculada a algo que faça parte do projeto pedagógico. O que acontece no pátio da escola, às vezes, é mais decisivo para a vida de um aluno do que aquilo que acontece na sala de aula. Em geral, os professores fogem na hora do pátio e se acantonam na sala de professores. Para quê? Para não ter contato com os alunos nessa hora. Ao contrário, tem de abrir essa sala de professores. A escola é o pátio também. Para ter contato com aluno, estar lá e dialogar.

Educação – Como o Instituto Paulo Freire tem trabalhado a nova LDB?

Gadotti – A LDB prevê a forma- ▶

ção de instâncias, cursos sequenciais livres. Vamos trabalhar nessa área. Daqui a alguns anos, diplomas não vão ter valor, serão desnecessários, porque o conhecimento evolui e há uma obsolescência rápida das tecnologias. Daqui a pouco, vai se pensar: para que ter um certificado de profissional de tal área, se aquela profissão poderá desaparecer em cinco anos? Dizem que os diplomas serão decididos pelo mercado. É uma visão um pouco mercantilista. O futuro será decidido pela sociedade, eu diria. Não é nem o mercado, nem o Estado. É o cidadão quem vai controlar. Hoje, essas duas entidades, Estado e mercado, estão invadindo a esfera da cidadania. O cidadão tem de ter a capacidade – e a escola é fundamental nessa formação – para controlar o Estado e o mercado também. Não podemos ser vítimas dessas mãos invisíveis que nos tocam o tempo todo. E são muito visíveis, na verdade.

Educação – Quais são os projetos do Instituto Paulo Freire?

Gadotti – Estou tentando montar três ou quatro cursos pela Internet. E estamos observando o que está acontecendo por aí na área de educação a distância no mundo. E o que vejo é que 99% são cursos iguais aos dados pela universidade, só que dados em casa. Acho que a Internet, amanhã, vai ter uma linguagem diferente, na qual não vai se reproduzir um modelo já existente. Estamos numa fase em que a educação a distância reproduz os vícios da educação presencial – que, por sua vez, não está dando certo.

Educação – Nas últimas reflexões, o senhor tem colocado a idéia da ecopedagogia. O que seria exatamente isso?

Gadotti – Não apenas eu. Paulo Freire falava nos últimos encontros que tivemos, aqui no Instituto, de uma pedagogia da casa, da relação, do encontro. “Eco” significa “casa”. A ecopedagogia trataria da nossa vivência e convívio com os outros seres com os quais compartilhamos

uma casa chamada Terra. A ecopedagogia forma esse cidadão planetário para conviver com todos os seres. Com os seres humanos, com as plantas, com o ar que respira. O que é educar? É dar sentido a cada minuto da nossa vida. Respiramos. Sem o ar que nos rodeia, não conseguiríamos nos comunicar. Por que não prezar este ar que alimenta a nossa conversa? Quando vejo esse lixão em que se transformou o rio que passa perto da USP, eu me assusto. Tratamos a água ao nosso lado jogando

O que acontece no pátio da escola, às vezes, é mais decisivo para a vida de um aluno do que aquilo que acontece na sala de aula: a escola é o pátio também

lixo, coisas que entopem e invadem as nossas casas e nos matam. Uma coisa que o Leonardo Boff tem falado nos últimos livros dele, de uma ética do cuidado. O educador também tem de ter essa ética do cuidado.

Em 1992, havia uma frase que ecoava muito: “Somos uma única nação e somos cidadãos dessa única nação.” A utopia é essa ainda. Temos de acabar com as fronteiras, as barreiras. Acho que há espaço, sim, no futuro, para uma escola digna, bonita, feita por seres humanos maravilhosos. Acho a escola neoliberal um lugar onde apenas aprendemos a competir e, se possível, destruir o outro. A escola deve ser uma comunidade e não apenas uma instituição que prepara para o vestibular, para a competitividade. Uma escola que insira a competitividade dentro da solida-

riedade. A solidariedade não é apenas uma questão de bom senso. É uma questão de sobrevivência para o planeta. O futuro é possível e temos esperança de que ele seja bem melhor do que hoje. Mas devemos deixar claro que há outra hipótese, podemos também não ter futuro.

Educação – Os temas transversais que foram assinalados nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, reservam espaço para a questão da ética, dos direitos humanos, da igualdade racial.

Gadotti – Acho os PCN um avanço, com os temas transversais nos quais entram saúde, ecologia, meio ambiente, ética – embora este seja mais do que um tema transversal. A palavra “tema” não é muito feliz. São muito mais do que temas, são eixos, grandes avenidas que atravessam os conteúdos. O problema dos PCN é que deveriam ser parâmetros e não modelos. A escola é tão frágil que os acaba assumindo como modelo e não como parâmetro.

Educação – Isso tudo exige que o professor esteja mais preparado culturalmente para exercer sua função. Além do mais, o aluno também tem de ter a paixão, a centelha.

Gadotti – Começamos nossa conversa dizendo que o professor é um mal necessário. Terminamos dizendo que ele é um dos profissionais mais importantes desta época. Nietzsche faz a crítica do professor burocrata, do cumpridor de ordens. Se existe futuro para as profissões, para duas ou três, pelo menos, ele está garantido: são para as dos amantes da sabedoria, como os socráticos e pré-socráticos. Os professores e jornalistas que amarem o conhecimento, os poetas que sentirem e transmitirem esse legado são insubstituíveis. Mas tem de ser com essa centelha, essa chama, essa generosidade, pelo prazer, pela alegria que dá o ato de conhecer. Só subsistirão assim, inclusive porque a nova tecnologia só demite o professor que deixa a chama apagar. ■